

Migrações e extrema direita em Portugal: percepções de ativistas brasileiros sobre os discursos anti-imigração

*Migration and the Far Right in Portugal: Perceptions of Brazilian
Activists on Anti-Immigration Discourse*

Lucas Arantes Zanetti¹

Denise Cogo²

Alana Nogueira Volpato³

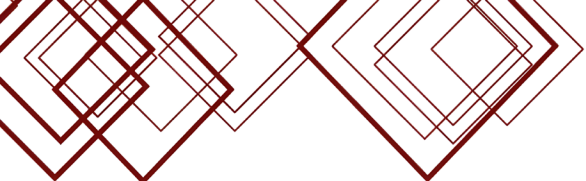
Ana Carolina Trindade⁴

1 Pesquisador de pós-doutorado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) com bolsa do CNPq. Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Graduado em Comunicação Social: Jornalismo pela mesma instituição. Professor do Centro Universitário Barão de Mauá e da Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP). Membro do Grupo de Pesquisa Deslocar (ESPM) e Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov (Unesp). Pesquisa em andamento: Brasileiros em Portugal e ativismo anti-imigração: dinâmicas comunicativas em plataformas digitais. Financiamento: CNPq. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2019-8061> E-mail: lucaszanetti66@gmail.com.

2 Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), São Paulo, onde coordena o grupo de pesquisa Deslocar. Pesquisadora Produtividade nível 1C do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Pesquisadora associada e integrante da Cátedra Unesco de Comunicación do Instituto de la Comunicación da Universitat Autònoma de Barcelona (InCom-UAB). Pesquisa em andamento: Ativismo migrante em plataformas digitais em apoio a políticas de extrema direita e anti-imigração. Financiamento: CNPq ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4544-7335> E-mail: denise.cogo@espm.com.

3 Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre em Comunicação e Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas da Unesp, Campus de Bauru. Vice-líder do Grupos de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais – ComMov. Pesquisa em andamento: Lógicas de mídia digital e suas consequências para o debate público: percepções de movimentos sociais e ativistas. <https://orcid.org/0000-0002-4988-9942> E-mail: alana.volpato@unesp.br;

4 Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Graduada em Relações Públicas pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO). Professora tutora para Educação digital e a distância da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Grupo de Pesquisa ComMov (UNESP). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6214-9343>. E-mail: carolinatrin@gmail.com



RESUMO: Este artigo investiga as percepções de ativistas brasileiros atuantes em Portugal diante do crescimento do discurso anti-imigração nas plataformas digitais e nas ruas, evidenciado por episódios de xenofobia, intolerância e violência. A partir de uma contextualização sobre a imigração no país e a ascensão da extrema-direita, propomos um debate sobre o ativismo migrante e os processos de midiática. A pesquisa qualitativa inclui revisão bibliográfica, documental e sete entrevistas em profundidade com ativistas de três organizações migrantes em Lisboa, realizadas em 2023. Os resultados apontam a apreensão desses ativistas quanto ao futuro da imigração, sobretudo diante do fortalecimento do partido Chega e das consequências desse discurso para a comunidade imigrante.

Palavras-chave: Ativismo. Portugal. Anti-imigração.

ABSTRACT: This article investigates the perceptions of Brazilian activists living in Portugal regarding the rise of anti-immigration discourse on digital platforms and in public spaces, marked by episodes of xenophobia, intolerance, and violence. Based on a contextualization of immigration in the country and the growth of the far-right, we propose a discussion on migrant activism and processes of mediation. The qualitative research includes a literature and document review, along with seven in-depth interviews with activists from three migrant organizations in Lisbon, conducted in 2023. The results reveal the activists' concerns about the future of immigration, especially in light of the strengthening of the Chega party and the consequences of such discourse for the immigrant community.

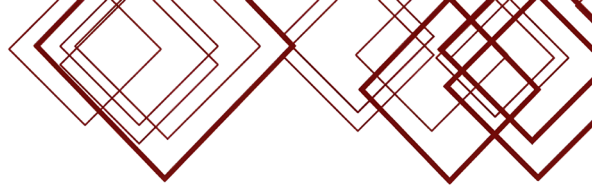
Keywords: Activism. Portugal. Anti-immigration.

14

Introdução

O cenário da imigração em Portugal revela uma dinâmica migratória em constante crescimento, conforme destacado no Relatório de Migrações e Asilo (Rma, 2023), publicado pela Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA)⁵. O relatório demonstra que o país abriga um contingente de 1.044.606 cidadãos estrangeiros detentores de título de residência válido (excluindo duplos cidadãos e imigrantes irregulares), registrando um aumento expressivo de 33,6% em relação ao ano anterior. Entre 2022 e 2023, observou-se um crescimento acen-

5 A AIMA foi criada em junho de 2023 para substituir o antigo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF). É um instituto público integrado à administração indireta do Estado, responsável pela implementação e monitorização das políticas de migração e asilo em Portugal.

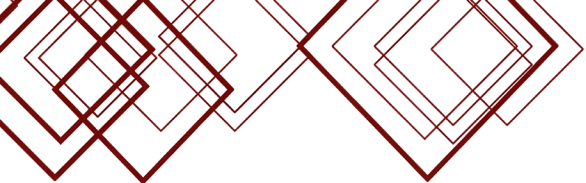


tuado no número de residências emitidas, totalizando 328.978 novas concessões de títulos. Dentre as comunidades estrangeiras que escolheram Portugal como destino, os brasileiros destacam-se com 35,3% do total, seguidos por cidadãos de Angola (5,3%), Cabo Verde (4,7%), Reino Unido (4,5%) e Índia (4,2%)⁶.

O crescimento da migração brasileira em Portugal está associado, entre outros fatores, à flexibilização da legislação migratória portuguesa, iniciada há pelo menos duas décadas (Góis; Marques, 2018). Em 2022, o Acordo sobre Mobilidade entre os Estados-Membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que inclui o Brasil e nações africanas, facilitou a entrada no país por meio da concessão de Autorizações de Residência para cidadãos da CPLP, as quais representaram 45,3% das novas concessões de títulos de residência em 2023. Além disso, em 2024, foi promulgada uma lei que flexibiliza as regras para a contagem do tempo de residência exigido para a aquisição da cidadania portuguesa por naturalização, simplificando o processo de regularização no país (Miranda, 2024).

Por muito tempo, Portugal foi tido como um dos países europeus com melhor convivência com os migrantes (Oliveira; Peixoto, 2022). A alternância de poder entre a centro-esquerda (PS) e a centro-direita (PSD) desde a Revolução dos Cravos, garantiu certa estabilidade política e social e blindou a região de discursos radicais, organizações e movimentos sociais extremistas e formas de conflito que atingem outras localidades no continente. Os dados do Eurobarómetro 519 (Comissão Europeia, 2022) indicam que a maioria dos entrevistados no relatório (83%) acredita que os imigrantes devem ter os mesmos direitos e de-

6 O RMA (AIMA, 2023) – não contempla os imigrantes em situação irregular, deixando de fora outras dinâmicas complexas e os impactos sociais e políticos decorrentes dessa condição, o que também tem afetado o debate público e a percepção da sociedade portuguesa sobre a presença de migrantes no país.



veres que os cidadãos do país de destino. Além disso, 57% consideram a discriminação contra imigrantes um problema significativo, e 70% defendem que a União Europeia adote uma política comum de migração e asilo.

16

No entanto, a realidade se mostra bastante diferente na prática, inclusive na percepção do imigrante com relação à discriminação e seus modos de manifestar no espaço público. Essa percepção é confirmada pelo relatório “Experiências de Discriminação na Imigração em Portugal” (Costa; Paula, 2020), elaborado pelo projeto MigraMyths, da Casa do Brasil de Lisboa. De acordo com o relatório, 85,6% dos entrevistados afirmam já ter sofrido algum tipo de discriminação por serem imigrantes no país, sendo que mulheres e pessoas não brancas são os alvos preferenciais. Costa e Paula (2020) afirmam que a internet corresponde ao principal canal de discriminação (31,7%), seguida pelas instituições privadas (19,3%) e públicas (18,7%), escolas e universidades (13,3%) e, por último, os meios de comunicação (12,3%). Os resultados do relatório apontam para uma esfera pública portuguesa onde o sentido que circula sobre o imigrante promove a divisão do “nós” contra “eles”, em relações em que há pouco espaço para integração da alteridade.

Por mais que os dados do Eurobarômetro (Comissão Europeia, 2022) sugiram que a boa convivência cultural com o migrante ainda é predominante na sociedade portuguesa, a parcela contrária à imigração tem se mobilizado para trazer o discurso anti-imigração ao debate público (França, 2024; Zanetti, 2024). Mais do que debater a presença do imigrante, os casos de violência e xenofobia também têm chamado atenção e estão sendo cada vez mais noticiados pela mídia portuguesa. A partir desse cenário, compreendemos que as dinâmicas de comunicação contemporâneas e os usos sociais da mídia são relevantes para compreender como o fenômeno do ativismo anti-imigra-



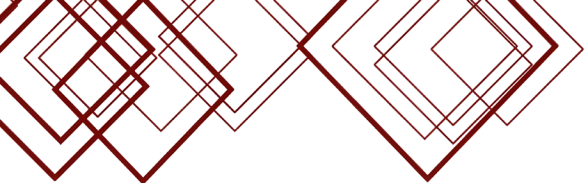
ção se manifesta em um contexto de interações midiáticas de caráter digital, por meio das quais circulam sentidos sobre migrações.

Outro relatório produzido pela Casa do Brasil de Lisboa, intitulado “Discurso de ódio e imigração em Portugal” (Costa, 2021), aponta a desinformação nas redes sociais como um dos elementos de perpetuação de estereótipos e representações negativas sobre o imigrante. Indica, ainda, que “as redes sociais têm sido palco de diversos tipos de discurso, inclusive discursos anti-imigração, de ódio e xenofobia” (Costa, 2021, p. 6). Os “clickbaits”, caracterizados por chamadas sensacionalistas, distorcidas e polêmicas para gerar engajamento e que reforçam estereótipos, são indicados como um dos alvos que devem ser combatidos na lógica dos fluxos de comunicação nas redes. O discurso de ódio é apontado como consequência de estratégias de captação da atenção pelo viés da “negatividade”, “medo” e “violência”, de forma a atribuir um valor maior aos elementos negativos de um acontecimento (Costa, 2021).

17

O partido Chega em Portugal é apontado como exemplo de um partido político que promove o discurso de ódio e a hostilidade contra grupos estrangeiros (Costa, 2021). Os eleitores dos partidos de extrema-direita tendem a relacionar a presença do imigrante com os problemas sociais, de forma que o ataque a essas minorias promove uma mobilização do eleitorado. Assim, o sucesso do partido nas eleições legislativas de 2024, conquistando 50 cadeiras na Assembleia da República, também concretiza uma mudança do clima social no país, que já não pode mais ser considerado como um país isento dos discursos radicais contra minorias étnicas que circulam na esfera pública europeia.⁷

⁷ Após o período analisado neste artigo, Portugal passou por nova eleição antecipada em maio de 2025 — a terceira em três anos — na qual o partido de extrema-direita Chega tornou-se a segunda maior força política, alcançando 60 assentos após a contagem dos votos do exterior. Meses depois, em outubro de 2025, entrou em vigor uma nova Lei dos Estrangeiros que endureceu de maneira significativa as regras de entrada, regularização e reunião familiar, concretizando diversos dos temores expressos pelos



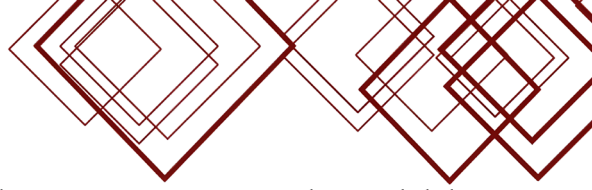
Como apontado por Prior (2022), o Chega utiliza estratégias comunicativas que exploram valores como conflito, dramatização e polarização, características típicas da comunicação populista. A cobertura midiática do partido frequentemente destaca declarações polêmicas e ações disruptivas, que ressoam com o público e amplificam sua visibilidade, evidenciando como o fenômeno populista é, em grande medida, moldado e sustentado por processos comunicativos que transcendem fronteiras nacionais, evidenciando a natureza transnacionalizada e midiaticizada desse movimento.

18

Essa midiaticização do discurso populista é parte de uma estratégia transnacional de mobilização da extrema-direita. França (2024) observa que ativistas portugueses anti-imigração se inspiram em movimentos europeus, como o CasaPound italiano e o PEGIDA alemão, adaptando frames e estratégias comunicativas que já se mostraram eficazes em outros contextos. Essa troca de ideias e táticas é facilitada pela internet e pelas redes sociais que permitem a rápida difusão de narrativas anti-imigração e a construção de uma identidade coletiva transnacional.

Em contrapartida, o crescimento da imigração em Portugal, bem como a intensa circulação de sentidos xenofóbicos e de hostilidade que buscam enquadrar negativamente a presença de estrangeiros no país, também provocaram a emergência de redes solidárias de imigrantes e organizações formais dedicadas à questão. Atuando em diferentes frentes por meio de projetos e iniciativas, os sujeitos articulados em torno da imigração em Portugal oferecem desde suporte jurídico para a regularização burocrática, mediando relações com o Estado português e com instâncias de países de origem dos imigrantes; produção de análises que podem embasar políticas públicas; suporte psicológico e social; promoção de atividades culturais e de lazer; bem como acolhimento em casos de racismo e xenofobia (Zanetti, 2024).

ativistas entrevistados.



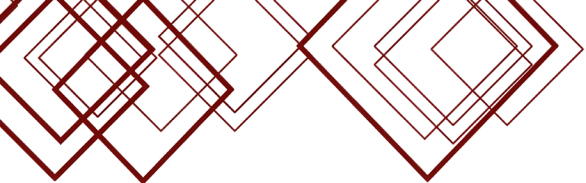
Tais organizações, além de constituírem espaços de sociabilidade, produção de territórios e identidades a partir das experiências compartilhadas por suas comunidades, também participam dos processos de ativismo migrante, como discutiremos a seguir. Por meio de variadas formas de ação coletiva, midiaticizadas ou não, buscam enfrentar a xenofobia, o racismo e os discursos de ódio, circulando sentidos que promovam os direitos humanos e a dignidade dos imigrantes no país. Levando em conta esta realidade, pretendemos analisar as percepções de ativistas brasileiros residentes em Portugal que atuam no apoio a migrantes diante do crescimento dos discursos anti-imigração no país, evidenciado em casos de xenofobia e violência contra migrantes nos últimos anos.

Ativismo migrante e extrema-direita na sociedade midiaticizada

19

Segundo a noção de esfera pública midiaticizada, as narrativas, as representações sociais e os sentidos que circulam no espaço público encontram-se em disputa, politizados por um conjunto de ideologias que têm no ativismo uma intensa produção simbólica (Zanetti *et al.*, 2023). Os ativistas recorrem a repertórios de ação característicos dos processos de midiaticização para disputar poder, influenciando outros atores de acordo com determinados objetivos, demandas e pautas, direcionadas tanto ao Estado quanto à própria sociedade (Miskolci, 2021). Nesta ambiência midiaticizada, o ativismo contempla desde ações coletivas capitaneadas por organizações de movimentos sociais estruturadas até práticas desempenhadas de forma autônoma em meios digitais, criando redes de mobilização que se conectam e reverberam nos mais diversos ambientes sociais (Zanetti *et al.*, 2023).

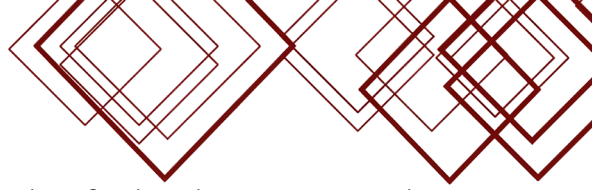
Nesse contexto, as práticas ativistas que envolvem as rei-



vindicações públicas e a mobilização social em torno de determinadas questões se desenrolam em uma arena de disputa compartilhada com outros atores e configurada por condições políticas, culturais e comunicacionais (Alcântara, 2016). Desenhando estratégias com base em suas preferências e nos recursos de que dispõem, ativistas pretendem transformar uma dada realidade pressionando a política institucional, sensibilizando a opinião pública e demandando mudanças de comportamento na sociedade (Machado, 2007).

20 Segundo Machado (2007), para além de um objetivo político, o ativismo possui um papel importante na formação de identidades, de criação de laços com o grupo, de mobilização de afetos e relação entre o “Eu” e o “Outro”. O ativismo, ao reivindicar, expor e produzir representações, sentidos e informações em prol de causas e pautas, cria tensionamentos, frequentemente operando em oposição a determinados elementos e, assim, gerando polos e núcleos de identificação. Nesse sentido, é fundamental compreender que o ativismo não apenas reivindica mudanças, mas também molda identidades. As interações entre ativistas vão conformando coletivos, desenvolvendo lógicas internas e externas, formas de atuação, implicações estéticas e éticas, *modus operandi*, contribuindo para a construção de uma imagem social sobre o ativismo, o ativista, a causa e o movimento social (Alcântara, 2016).

Nesse sentido, as reflexões de Gerbaudo (2012) aprofundam a compreensão da articulação entre midiaticização, identidades e disputa simbólica ao demonstrar que a ação coletiva contemporânea depende de uma mediação comunicacional que antecede e organiza o engajamento político. Seu conceito de “coreografia da assembleia” descreve como plataformas digitais produzem uma infraestrutura afetiva e narrativa que orienta a formação de coletividades, oferecendo enquadramentos, símbolos e roteiros de ação que estruturam a percepção do “nós” e

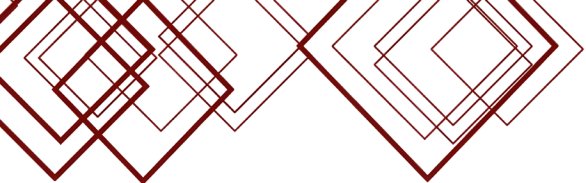


do “outro”. A liderança “suave” identificada pelo autor é exercida por administradores de páginas, influenciadores ou ativistas que condensam emoções e sugerem práticas de forma a intensificar o conflito, mobilizando indignação, ressentimentos e expectativas coletivas. Ao aplicarmos esse enquadramento ao ativismo migrante e ao ativismo anti-imigração, é possível compreender como ambos os campos constroem, por meio da circulação digital de afetos e representações, arquiteturas simbólicas que orientam suas mobilizações (Gerbaudo, 2012). Assim, é preciso considerar tanto as experiências comuns de exclusão e vulnerabilidade, coreografadas como solidariedade e resistência, quanto narrativas de ameaça e pânico moral, coreografadas como defesa identitária e reação contra um inimigo abstrato. Assim, a disputa narrativa entre ativismo migrante e ativismo anti-imigração ocorre na produção contínua de coreografias emocionais e discursivas que criam percepções públicas e estruturam antagonismos no interior da esfera pública midiaticizada.

21

Quando nos referimos ao ativismo migrante, estamos abordando um conjunto de formas de ação coletiva heterogêneas e fragmentadas, que operam a partir de lógicas variadas e são influenciadas por fatores como o contexto histórico do território de atuação, o cenário político, os instrumentos culturais e os dispositivos técnicos. O termo “ativismo migrante” é genérico e abrange todas as formas de mobilização, atuação, reivindicação pública, ações sociais e organizações relacionadas à condição de migrante, refugiado ou deslocado. Alguns de seus pontos centrais são a resposta às complexidades, desigualdades e desafios enfrentados pela população migrante em todo o mundo, como discriminação, falta de proteção legal, condições precárias de vida, conflitos, perseguições políticas, criminalização e demais violações de direitos dos seres humanos na condição de estrangeiros (Swerts; Nicholls, 2021).

No caso do ativismo migrante, a identidade compartilhada é a



condição de imigrante, de estrangeiro, *outsider*. No entanto, uma série de categorias fragmenta esses status, produzindo grupos e ativistas com diferentes perspectivas e estratégias. Nesse sentido, vários autores dedicam-se a compreender as diversas identidades migrantes, a formação de grupos e movimentos sociais na formulação e reivindicação com base em protestos e ações ativistas individuais e coletivas (Bloch; Chimienti, 2013; Monforte; Dufor, 2013; Nicholls, 2013; Però; Solomos, 2010). No caso de imigrantes indocumentados, quando se tornam ativistas, transgridem a noção jurídica de cidadania, já que, ao exercerem direitos políticos, estão também exercendo o direito à cidadania (Ataç *et al.*, 2016). O ativismo migrante também tem a função de produzir espaços autônomos de convivência e integração e construir redes de solidariedade e resistência.

22

Enquanto ativistas migrantes lutam pela própria existência, sobrevivência e dignidade, o ativismo anti-imigração parte de valores e representações negativas contra o “Outro”, atribuindo às minorias a causa de problemas sociais complexos. Tal ativismo recorre a discursos de ódio e retórica discriminatória, frequentemente associados a elementos racistas, misóginos, xenofóbicos e, no caso europeu, islamo-fóbicos. Na Europa, onde desenvolvemos esta pesquisa, a intensidade do sentimento anti-imigração e da parcela da população que se opõe profundamente à presença do imigrante tem aumentado, tornando-se mais crítica (Heath *et al.*, 2020; Zanetti; França, 2023), intensificando a polarização e fortalecendo o ativismo anti-imigração em todo o continente. Há, ainda, uma terceira corrente ainda pouco explorada nos estudos acadêmicos sobre os ativistas migrantes em apoio a pautas de extrema-direita, inclusive, anti-imigração, como podemos observar em Portugal com a adesão de brasileiros ao partido Chega.

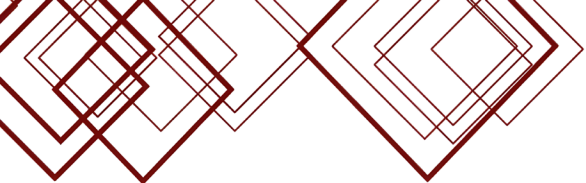
A principal característica do ativismo anti-imigração, segundo



Kristian Harpvinken (Zanetti; França, 2023), é a atribuição ao imigrante, ao “Outro”, de problemas sociais de ordem econômica, social, cultural e política que, muitas vezes, pouco têm a ver com a imigração em si. Esse fenômeno pode ser observado em países onde partidos abertamente anti-imigração ocupam o governo, como é o caso da Suécia e da Polônia. O ativismo anti-imigração na Europa deve, portanto, ser observado tanto a partir de uma perspectiva transnacional, com movimentos de extrema-direita articulados e com discurso unificado no continente, quanto a cada país, compreendendo as realidades regionais.

Trata-se de narrativas que constroem o migrante como o outro, o bárbaro, o estrangeiro, o inimigo, a ameaça (Kristeva, 2007; Levi, 1998; Todorov, 1999), com o intuito político e social de instaurar o medo ou pânico moral entre setores sociais e eleitorais. Conceito-chave para entender os discursos usados por líderes de extrema direita para criar medos e divisões na sociedade, o pânico moral pode ser definido como a reação de um grupo de pessoas a partir da falsa percepção de que o comportamento de determinado grupo, geralmente uma minoria, é perigoso e representa uma ameaça para a sociedade (Cohen, 2011). A base do fenômeno é uma divisão entre “nós” e “eles”. A criação de um inimigo abstrato, seja as elites, seja os imigrantes, ou uma ideologia específica, são as formas de acionar representações de defesa, de iminência de ataque, o que pode ser observado na retórica dos atores políticos e ativistas, como se todos devessem estar desesperados, em pânico e com medo (Halikiopoulou; Vlandas, 2019).

As práticas de ativismo migrante e anti-imigração, com suas identidades, objetivos e formas de ação variadas, se desenrolam em um terreno comum de disputas marcado pela crescente mediação de caráter digital das interações cotidianas, oferecendo uma nova arquitetura comunicacional para os processos de mobilização social e contestação



política. A internet alterou as formas de acesso à esfera de visibilidade pública antes centrada na televisão, rádio e imprensa, o que pode levar ao aumento da influência de atores coletivos e maior variedade de temas conquistando atenção pública (Barros, 2017). Se as empresas de mídia e o jornalismo controlavam, de acordo com seus critérios, boa parte do que circulava na esfera pública política, atualmente dividem espaço com políticos, movimentos sociais, influenciadores, entre outros atores que, diante de lógicas de circulação e ampliação de visibilidade típicas da ambiência digital, ameaçam a hegemonia dos meios de massa no direcionamento da atenção pública (Santos Júnior; Albuquerque, 2019).

24

No contexto da midiaticização e das plataformas digitais, o ativismo ganha novas possibilidades comunicativas e formas de ação coletiva. Além das possibilidades técnicas, a intensificação do fluxo de informação e circulação de sentidos também exercem impacto sobre os arranjos e configurações ativistas. Diversos autores trataram sobre a organização dos movimentos sociais em rede (Scherer-Warren, 2006; Castells, 2013; Gohn, 2011), cuja principal característica é a apropriação da comunicação digital em rede como constitutivo de mobilizações e ações em torno de pautas, causas e demandas políticas e sociais.

No entanto, é importante destacar que, apesar dessa possibilidade aberta pela comunicação digital, a configuração da comunicação dominada pela economia política das plataformas digitais não é tão democrática quanto pode parecer. O modelo comunicativo abriu espaço para figuras como influenciadores digitais, para a criação de bolhas, para formas e modelos de comunicação que mais se assemelham à autodoutrinação (Han, 2018) do que com uma comunicação dialógica baseada na diversidade na multiplicidade de perspectivas. A lógica de exposição (Sodré, 2020) que comanda a midiaticização algorítmica determinará a eficácia da comunicação, o seu valor de verdade, a sua credibilidade



e capacidade de engajamento. Nesse sentido, apesar da capacidade de comunicação de muitos para muitos, a comunicação digital criou suas próprias formas de comunicação de massa, de segregação e da concentração da comunicação de acordo com critérios socioeconômicos (Morozov, 2018).

Metodologia

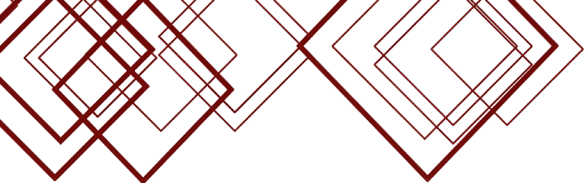
Este artigo representa um desdobramento de uma pesquisa mais ampla que se dedicou a analisar a esfera pública midiaticizada com foco específico no ativismo migrante e anti-imigração, considerando as disputas identitárias e as representações sociais relacionadas à imigração desde o ano de 2020 em Portugal (Zanetti, 2024). Durante uma etnografia em Portugal, identificamos nas entrevistas e na pesquisa documental a percepção dos ativistas migrantes sobre o aumento dos discursos anti-imigração e da ascensão da extrema-direita na sociedade portuguesa. Esse cenário motivou a elaboração deste artigo.

25

Assim, este estudo está baseado em uma metodologia qualitativa e se vale da aplicação de sete entrevistas em profundidade realizadas com ativistas brasileiros a partir das orientações de Duarte (2005). As entrevistas ocorreram de forma presencial, em Lisboa, no primeiro semestre de 2023⁸. O roteiro de questões foi elaborado de forma semiestruturada para que o entrevistador tivesse a flexibilidade necessária durante a condução da entrevista, e para que o entrevistado pudesse ficar à vontade para tecer comentários.

Os(as) entrevistados(as) foram selecionados previamente, após

8 Realizadas pelo primeiro autor durante a vigência da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) - Processo nº 2022/10108-02, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



realização de pesquisa exploratória prévia através do mapeamento das organizações ativistas no ambiente online e contato direto. Para a seleção, foram considerados os seguintes critérios: atuar como ativista da causa migrante; participar de organizações migrantes; e ter nacionalidade brasileira. Os ativistas estavam vinculados a três organizações distintas, cada uma com trajetória, história e atuação política específicas:

26

1) Casa do Brasil de Lisboa (CBL): Fundada em 1992, a CBL é uma das organizações mais antigas e reconhecidas no apoio aos imigrantes brasileiros em Portugal. Localizada no Bairro Alto, em Lisboa, a CBL oferece serviços jurídicos, psicológicos e de integração laboral, além de promover debates sobre racismo, xenofobia e direitos migratórios. Sua atuação política inclui a defesa de políticas públicas inclusivas e a denúncia de violações de direitos. Nas redes sociais, mantém presença no Facebook (23 mil seguidores) e no Instagram (14,7 mil seguidores), onde disponibiliza agendas de mobilização e informações úteis para migrantes, além de um site oficial com detalhes sobre sua atuação, formas de contato e participação.

2) Coletivo Andorinha: Instalado em Lisboa, o Coletivo Andorinha surge como resposta à crescente politização da comunidade migrante, especialmente após o impeachment de Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro. Focado na defesa da democracia brasileira e dos direitos humanos, o coletivo organiza atividades culturais, protestos e campanhas de conscientização. Sua presença digital inclui o Instagram (4,4 mil seguidores), o X (667 seguidores) e o Facebook (11 mil seguidores), plataformas nas quais divulga seus objetivos e princípios de forma clara. Embora seu site oficial esteja fora do ar, as redes sociais servem como principais canais de comunicação e mobilização.

3) Diáspora sem Fronteiras: Sediada em Cascais desde outu-

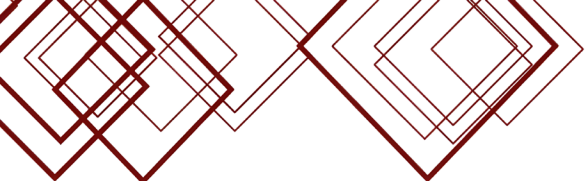


bro de 2020, esta organização destaca-se por seu trabalho voltado à integração social e laboral de imigrantes, com ênfase em mulheres e grupos vulneráveis. Com uma abordagem mais recente, a Diáspora sem Fronteiras busca combater a desinformação sobre migração e fortalecer redes de apoio. Sua presença digital é mais modesta, concentrando-se exclusivamente no Facebook (1,2 mil seguidores), onde compartilha informações sobre eventos, recursos e iniciativas voltadas à comunidade imigrante.

Essas organizações foram escolhidas por representarem perfis diversos de ativismo migrante, desde a institucionalidade consolidada da CBL até a atuação emergente e focada em causas específicas da Diáspora sem Fronteiras, passando pelo caráter político-cultural do Coletivo Andorinha. A seleção buscou abranger diferentes estratégias de comunicação e mobilização, refletindo a pluralidade da comunidade brasileira em Portugal. A combinação desses perfis permite uma análise abrangente das dinâmicas de ativismo migrante, tanto no âmbito presencial quanto no digital, destacando os desafios e oportunidades enfrentados por essas organizações no contexto português.

As sete entrevistas foram transcritas utilizando a plataforma online *AmberScript*. Os procedimentos adotados respeitaram as diretrizes éticas e contaram com o consentimento dos participantes, os quais concordaram explicitamente com a gravação em áudio das entrevistas para fins científicos. Para preservar a identidade e proteger os ativistas, optamos por anonimizar os participantes e utilizar nomes fictícios. Pelo mesmo motivo, também preferimos não mencionar na análise a organização à qual o ativista pertence, evitando possíveis identificações indiretas.

Apresentamos a análise e a discussão das entrevistas, organizadas em torno de dois eixos articuladores: 1) as percepções dos ativistas sobre o crescimento dos movimentos de extrema direita e do partido



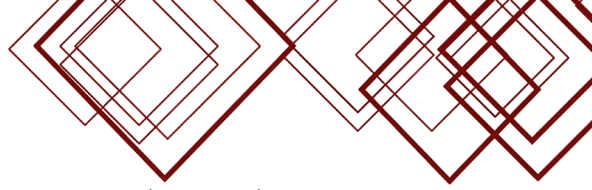
político Chega como atores políticos que enunciam e alimentam discursos anti-imigração na esfera pública; o crescimento do Chega como um ator político em Portugal que enuncia e alimenta discursos anti-imigração na esfera pública; 2) as percepções dos ativistas em torno da ambiência midiaticizada dos discursos anti-imigração em Portugal.

Crescimento dos movimentos de extrema-direita, do partido Chega e dos discursos anti-imigração

28 Na visão da ativista Marina, o discurso do Chega está ganhando espaço na sociedade portuguesa com uma retórica fortemente voltada contra a imigração, incluindo um discurso anti-brasileiro. Essa retórica anti-imigração é parte de uma estratégia transnacional de extrema-direita (França, 2024) que é adaptada a contextos locais para maximizar seu apelo. A entrevistada alerta para a possibilidade de que a situação política se agrave, mencionando a conexão entre migração e problemas sociais que estão sendo explorados pelo partido.

Há uma série de fatores que contribuem significativamente para o aumento da discriminação, do discurso de ódio contra os imigrantes e do racismo. Estamos enfrentando um período de dificuldades econômicas, o que alimenta o medo de que a imigração esteja em ascensão perante aos nacionais. Neste momento, as leis estão passando por mudanças, e tornaram-se ainda mais favoráveis à imigração. No entanto, é um momento em que não há moradia adequada para as pessoas, e isso afeta a todos, sem exceção. A situação é extremamente desafiadora. Além disso, estamos lidando com um aumento da inflação, o que leva a sociedade a buscar um bode expiatório, e mais uma vez a imigração parece ser o alvo mais fácil. Isso é evidenciado pelo discurso adotado por certos partidos políticos como o Chega. (Marina, 2023).

Joana argumenta que esse contexto, marcado pelo ressurgimento de movimentos de extrema-direita em todo o mundo, coincide com o

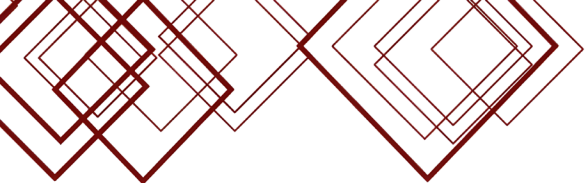


aumento da imigração brasileira em Portugal, especialmente em um período de crise econômica mundial que tem sido particularmente rígida com a Europa (Cunha, 2015). Essa conjuntura econômica e social cria um terreno fértil para a estratégia de “bode expiatório” (Halikiopoulou; Vlandas, 2019), onde imigrantes são culpabilizados por problemas estruturais. Para ela, isso tem alimentado a narrativa de que os imigrantes são responsáveis pelos problemas sociais do país, criando um clima propício para a disseminação da xenofobia. O relato de Joana se enquadra na noção de pânico moral desenvolvida por Cohen (2011), bem como o senso comum de que os nacionais precisam se defender da presença do outro.

Assistimos ao ressurgimento de uma série de movimentos de extrema direita no mundo. Ressurge a ideia do ‘outro’ como inimigo. Então, se eu não consigo alugar uma casa, a culpa é do imigrante que está vindo aqui alugar e morar lá dentro. Eu pouco me importo com quais são as condições em que essa pessoa está. A situação fica ainda pior nessa relação. Mas essa ideia do ‘outro’ como inimigo vai se criando e se implantando. (Joana, 2023).

29

Para Rafael, é possível notar discursos que apelam para a ideia de que, com os movimentos migratórios, a população do país está sendo descaracterizada. A tese de “substituição étnica” ou “substituição populacional”, difundida entre ativistas e grupos anti-imigração (Barone; Da Silva, 2023), tem se mostrado como um forte argumento nos grupos anti-imigração e, também, como uma narrativa unificadora contra a presença do Outro. Essa tese, amplamente utilizada por movimentos de extrema-direita na Europa (Halikiopoulou; Vlandas, 2019), busca criar um senso de ameaça cultural e demográfica. Esta tese parte do princípio de que os imigrantes são convidados para a Europa propositalmente para descaracterizar o Ocidente e os valores ocidentais. Em Portugal, o argumento é que os portugueses estão emigrando enquanto o país incentiva



uma política de fronteiras abertas que prejudica a cultura ocidental.

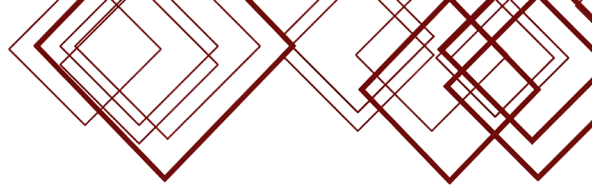
Flávia aponta o que considera uma preocupante tendência de relativização e revisionismo histórico de questões relacionadas ao colonialismo em Portugal que está ocorrendo na sociedade portuguesa. Essa tendência é parte de uma estratégia mais ampla de revisionismo histórico, como discutido por Barone e Da Silva (2023), onde se busca reescrever narrativas nacionais para justificar políticas excludentes. Para Flávia, essa tendência de relativização se manifesta também na política partidária, especialmente através de figuras como André Ventura, presidente do Chega, que negam a existência do racismo em Portugal e propagam discursos intolerantes contra imigrantes com base em sua participação na política institucional e, também, pela circulação de sentidos no espaço público midiaticado.

30

O que eu sinto é que Portugal está passando por uma coisa que a gente passou há pouco tempo no Brasil, começa a relativizar tudo. Aí é o André Ventura com o protesto. Portugal não é racista. Você começa a criar uma narrativa paralela, um revisionismo, um irracionalismo. (Flávia, 2023).

Alguns entrevistados fazem comparações com a política brasileira para explicar a ascensão do Chega, apontando o receio de que os caminhos políticos dos dois países sejam semelhantes, a despeito de suas especificidades. Márcia sintetiza o sentimento com relação ao avanço do Chega e dos casos de intolerância.

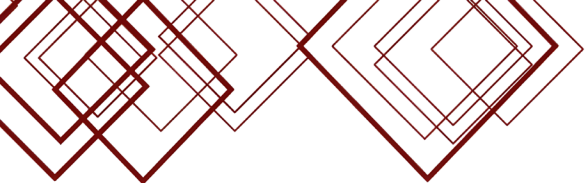
Sabe o que aconteceu no Brasil há quatro, cinco anos atrás... tá uma semente aqui plantada, sabe, com o Chega, né? Então eu acho que a impressão que dá é que a gente vai ter um problema sério para o futuro. Nas nossas redes, o que a gente vê? Muitos brasileiros bolsonaristas xingando e ofendendo... aquele discurso, aquele modus operandi clássico, né? E vejo muitos comentários de ódio, a brasileiros juntando essas duas coisas, me parece que a gente está tá espelhando o que aconteceu no Brasil. [...]. (Márcia, 2023).



Maria migrou para Portugal no contexto da eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. A ativista afirma que, apesar de notar um crescimento e uma intensificação do discurso de extrema-direita em Portugal, não acredita que ele seja tão intenso como ocorreu no Brasil em 2018, motivo pelo qual ela resolveu deixar o país. “O crescimento de partidos como o Chega é algo de se preocupar. Sim, porque é a terceira potência da política e tem crescido não só em Portugal, como em toda a Europa. Mas neste momento, à princípio, não me sinto ameaçada como me sentia no Brasil” (Maria, 2023).

O posicionamento de Maria se justifica porque, segundo ela, ao contrário de Bolsonaro, que havia sido eleito, o Chega ainda não ocupou tantos espaços institucionais de poder, o que denota uma grande diferença de contextos. Para ela, essa diferença não implica ausência de riscos ou inação por parte dos ativismos migrantes. Ao mesmo tempo, pondera que pode estar subestimando o poder de viralização nas plataformas digitais e ampliação de apoio por parte das pautas de extrema direita, o que reconhece ser um erro de avaliação.

Outros entrevistados apontam para consequências concretas do crescimento do Chega que influencia a atuação das organizações de ativismo migrante, como também as políticas públicas. A entrevistada Flávia destaca os impactos da atuação do Chega nas políticas públicas voltadas ao imigrante em Portugal, especialmente em relação à destinação de recursos para atendimentos presenciais aos migrantes realizados tanto pela Diáspora sem Fronteiras quanto pela Casa do Brasil de Lisboa na Vila de Cascais, onde atua o vereador João Rodrigues dos Santos, do Chega. Cita como exemplo um episódio ocorrido em 2022 no qual, no contexto das eleições presidenciais brasileiras, as organizações pediram verba para a contratação de um técnico de



atendimento para o gabinete da vila à Câmara do município. O pedido motivou o vereador do Chega a acusar a Casa do Brasil de ser alinhada à “extrema-esquerda”, e criticar seu apoio aberto ao então candidato Lula da Silva em oposição ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

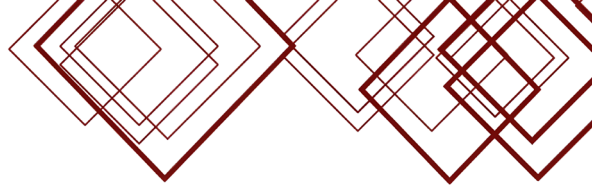
Nesse contexto de atuação do Chega, segundo o ativista Rafael, a Casa do Brasil passou a ser acusada de pedir recursos para realizar uma atuação política partidária em Portugal.

E quando ele (o vereador) diz isso, nosso financiamento fica paralisado, ou seja, ele solicita a análise [do recurso]. Então, temporariamente, tivemos o apoio suspenso, nosso financiamento para os atendimentos foi interrompido. No entanto, não deixamos de atender por isso, nem o faremos. Continuaremos a oferecer suporte às pessoas, pois entendemos que é isso que desejam, mesmo que possam interpretar de forma equivocada, sugerindo que estamos lá apenas pelo financiamento e não para auxiliar. Portanto, nossa resposta não é confrontar o vereador, mas sim continuar com os atendimentos e explicar à Câmara Municipal de Cascais sobre o trabalho da Casa. É importante lembrar que essa decisão não partiu da Câmara, mas sim de um vereador, ou seja, não houve consenso entre os vereadores. (Rafael, 2023).

32

Embora o financiamento tenha sido mantido, tendo em vista que apenas um vereador do partido Chega manifestava oposição à atuação das organizações, Flávia demonstra preocupação com o crescimento do discurso de ódio produzido pelos integrantes do Partido e direcionado à Casa do Brasil, assim como com a possibilidade de aumento da representatividade institucional do Chega no parlamento português. “No caso de haver uma presença significativa, seja de cinco ou até mesmo dez vereadores da vertente política de extrema-direita, como ficaremos?” (Flávia, 2023). Essa preocupação reflete a fragilidade das instituições democráticas diante do avanço de agendas anti-imigração, um fenômeno também observado em outros contextos europeus (Heath *et al.*, 2020).

Por outro lado, Juliana argumenta que, para que haja conse-

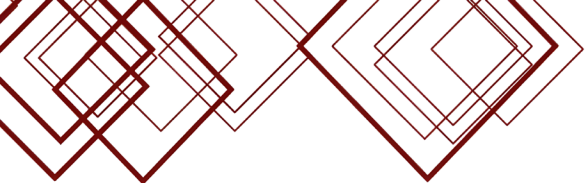


quências políticas, sociais e econômicas, não é necessário que o Chega assuma o comando do país, basta que ganhem força e adeptos. E, nesse sentido, assim como outros interlocutores, ela afirma não só que a estratégia midiática do Chega se assemelha ao bolsonarismo no Brasil, mas também compartilha a crença de que foi construída de forma eficaz. Ainda, como apontam Zanetti e França (2023), a ascensão da extrema-direita não depende necessariamente do controle do governo, mas da capacidade de influenciar o debate público na ambiência da midiatização digital.

Ambiência dos discursos anti-imigração: entre mídias, plataformas e ruas

Em suas falas sobre os discursos anti-imigração e sobre o fortalecimento do Chega, os entrevistados apontam constantemente uma forma de atuação que combina a participação na política institucional e nos processos de disputa eleitoral com a disputa de sentidos na esfera pública midiatizada. Nestes espaços, os membros e simpatizantes do partido buscam construir uma força social e política recorrendo aos espaços físicos das ruas e às interações das plataformas digitais. Os entrevistados destacam, ainda, dificuldades da imprensa em lidar com esses discursos e com táticas da extrema-direita.

É relevante destacar que o partido contribui para a circulação de discursos anti-imigração de diferentes formas, como mostra Rafael ao contar sobre *outdoors* espalhados pelas ruas de Lisboa com a imagem de André Ventura, líder do Chega, reforçando teorias de substituição étnica. Ele diz ter um sentimento ambíguo, um misto de medo e de força para atuar politicamente, diante da presença desse discurso materializada pelos *outdoors*.



Aquilo me impactou, porque aquilo para nós, que somos imigrantes, quando a gente vê acontecendo, é muito forte. Estar ali, na frente da Assembleia da República, um outdoor de um partido abertamente preconceituoso e que diz atuar contra a presença dos imigrantes é impactante. (Rafael, 2023).

No trabalho de campo realizado em Lisboa, foi possível observar a presença de outdoors agressivos no espaço público com narrativas agressivas, alguns deles, inclusive alvo de disputas políticas em torno da retirada ou da manutenção da publicidade (Figuras 1 e 2).

Figura 1 — Cartaz do Chega espalhado pelas ruas de Lisboa

34



Fonte: Marques (2023).



Figura 2 — Cartaz anti-imigração do grupo Identidade e Futuro, corrente interna do Chega

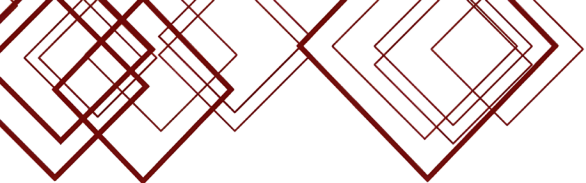


Fonte: Identidade e Futuro (2024).

No entanto, as plataformas digitais ocupam lugar central na fala dos entrevistados por amplificar esses discursos que, não sendo dominantes na sociedade, encontram barreiras em outros espaços de visibilidade midiática. Para Marina, embora promovam a livre circulação de ideias, as plataformas digitais têm se constituído também como ambientes que permitem que discursos de ódio e xenofobia se amplifiquem sem mecanismos efetivos de regulação. Essa dinâmica corrobora a análise de Han (2018) que aponta que a lógica econômica das plataformas prioriza conteúdos com alto potencial de viralização - muitas vezes pautados por polêmicas e conflitos - em detrimento de debates qualificados e compromissos sociais democráticos. Nesse ecossistema, partidos como o Chega encontram terreno fértil para sua estratégia comunicacional, explorando deliberadamente o sensacionalismo e a polarização, já que posturas radicais e controvérsias geram maior visibilidade e engajamento junto ao público.

35

Há um pensamento um pouco mais liberal de que talvez o dis-

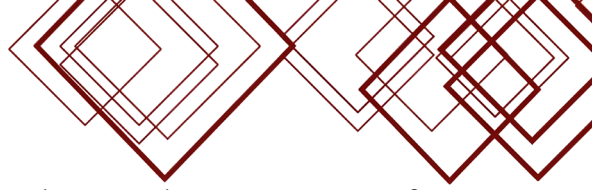


curso vai se regular por ele mesmo. Por outro lado, também vende, dá acesso, clique, visibilidade. Então, casos polêmicos são mais noticiados, eles têm mais relevância, e o Chega é especialista em criar polêmica nas plataformas e na Comunicação Social. O André Ventura trabalhou muitos anos na televisão. Ele é especialista em criar polêmica e isso chama bastante atenção. (Marina, 2023).

36 No caso citado anteriormente, do questionamento sobre as verbas solicitadas pela Casa do Brasil por um vereador do Chega, é o recorte do vídeo com o discurso do político nos perfis do partido em plataformas digitais que viraliza, reforçando a perspectiva de Hepp (2014) de que a lógica política tem se moldado à lógica comunicativa das redes, agregando valor de exposição (Sodré, 2020). Para Marina, é particularmente desafiador silenciar os discursos anti-imigração do Chega em virtude da combinação entre poder político institucional e midiático, com representação parlamentar que mobiliza estrategicamente discursos anti-imigração nas redes sociais a fim de atrair a atenção da mídia e da sociedade. Flávia complementa que esse cenário é agravado pela falta de reação das instituições, que deixa impunes tais figuras políticas, as quais se permite proferir discursos de ódio sem sofrer as devidas consequências legais.

A própria imprensa é apontada como um espaço de visibilidade para esses discursos, em virtude da maneira como lida com a exposição conquistada pelo partido em plataformas digitais. Juliana lembra do texto “Um enredo previsível, um futuro evitável”⁹, publicado pelas mulheres do Coletivo Andorinha, na edição portuguesa de fevereiro de 2021 no *Le Monde Diplomatique*, após o Chega tornar-se a terceira maior força política nas eleições daquele ano. Ela afirma que, assim como aponta no texto referido, a excessiva cobertura midiática de falas polêmicas, de espetáculos midiáticos, discursos de ódio e ataques a minorias étnicas e sociais

⁹ Disponível em: <https://pt.mondediplo.com/2021/02/um-enredo-previsivel-um-futuro-evitavel.html>



alavancaram a visibilidade do partido, trazendo consequências nefastas.

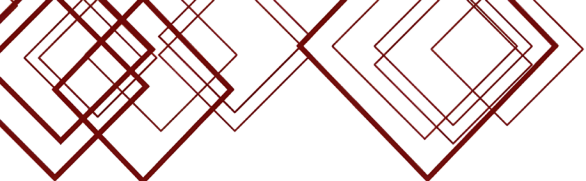
Marina, de forma complementar, sugere que a cobertura midiática muitas vezes alimenta a dinâmica dos discursos anti-imigração em plataformas digitais ao dar mais espaço e visibilidade a narrativas extremistas e controversas. Ou seja, para ela, o próprio André Ventura, líder do Chega, é um produto midiático, assim como foi o Jair Bolsonaro no Brasil. Essa crítica ecoa com as reflexões de Prior (2022) quando destaca que, ao priorizar o conflito e a dramatização, a mídia tradicional amplifica o populismo de extrema-direita.

Flávia menciona o que chama de estratégia de vitimização adotada por grupos como o Chega, que se colocam como vítimas de suposta censura quando confrontados por suas declarações discriminatórias. Ela observa que essa tática é similar àquela utilizada no Brasil durante o surgimento do bolsonarismo, em que, segundo ela, a esquerda inicialmente não soube lidar de forma eficaz com a ascensão desse movimento político.

37

Nesse sentido, a percepção dos ativistas brasileiros se alinha às perspectivas teóricas que apontam os processos de midiaticização e a lógica atual das plataformas digitais como ambiências favoráveis ao surgimento e à propagação dos discursos que dão força ao crescimento de partidos como o Chega. Embora proporcionem um espaço para a divulgação de informações sobre as experiências vivenciadas pelos imigrantes e para a discussão de questões relacionadas à discriminação, as plataformas também têm sido palco para a disseminação e organização dos discursos extremistas e intolerantes. Se anteriormente, na visão da entrevista, esses discursos eram contidos pela vergonha social, agora possuem ampla circulação e adesão, especialmente em camadas sociais da juventude.

A ativista Joana observa que as plataformas digitais têm desempenhado um papel ambíguo no contexto de crescimento migratório em Portugal. Essa ambiguidade reflete a dualidade da midiaticização (Sodré,



2020), que tanto amplifica vozes marginalizadas quanto facilita a disseminação de discursos extremistas.

Nas redes, nosso grande desafio é furar a bolha. Nós estamos a falar para nós mesmos e essas transformações também vão ficando aqui dentro. Em relação às redes sociais, acho isso também, mais a hipótese de contra discurso. (Joana, 2023).

38 Diante da percepção da rápida disseminação dos discursos anti-imigração e da dificuldade de articular uma resposta eficaz em um contexto desafiador, alguns caminhos de enfrentamento apontados pelos entrevistados destacam a importância do fortalecimento das instituições e organizações voltadas para a causa migrante, bem como a realização de projetos educativos e iniciativas de debate sobre questões relevantes para a sociedade portuguesa. Essas estratégias refletem a abordagem proposta por Swerts e Nicholls (2021), que enfatizam a necessidade de construir redes de solidariedade e resistência em contextos adversos. Além disso, ressaltaram a necessidade de adotar um diálogo responsivo, fundamentado no respeito mútuo, na disseminação de informações e na promoção de uma abordagem humanizada e sensível. De forma semelhante ao que tem sido observado em outros contextos nacionais e internacionais, os ativistas expressaram a expectativa de que o crescimento da influência da extrema-direita possa ser desacelerado ao longo do tempo.

Considerações finais

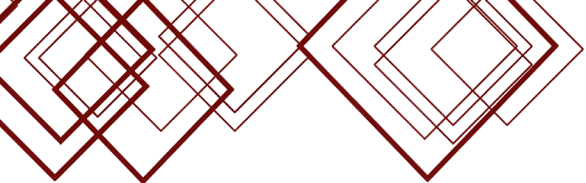
A análise da percepção dos ativistas brasileiros em Portugal em relação ao crescimento da extrema-direita representada pelo partido Chega, bem como ao discurso anti-imigração, proporcionou uma re-



flexão sobre as potencialidades e as limitações do ativismo migrante diante de um cenário politicamente adverso. Notamos como o fenômeno do ativismo anti-imigração impõe reordenamentos às próprias dinâmicas comunicativas contemporâneas do ativismo, que, em favor dos direitos dos migrantes, tendo em vista as disputas de sentidos sobre as migrações e a circulação de discursos de ódio que alimentam as redes de ativismo anti-imigração online. Além disso, o capital acumulado pelos movimentos anti-imigração nas redes digitais tem sido, muitas vezes, convertido em poder político institucional, como é o caso do partido político Chega em Portugal, impactando a própria implantação das políticas públicas destinadas às pessoas migrantes. Trata-se de um processo que se inscreve nas dinâmicas crescentes de mediação da esfera pública que incluem também o debate e a circulação de sentidos sobre o imigrante e a imigração.

Os resultados da análise desenvolvida neste artigo revelam um sentimento de apreensão dos ativistas diante do avanço de uma agenda anti-imigração. Após as eleições de março de 2024, a análise da resposta dos ativistas migrantes frente ao avanço do conservadorismo ganha uma considerável relevância no âmbito do debate público. Diante do aumento dos fluxos migratórios para o país nos últimos anos, o avanço das pautas conservadoras no parlamento português se coloca como um obstáculo à consolidação de políticas migratórias inclusivas e favoráveis ao imigrante.

Esse cenário de temor é justificado pelos posicionamentos do Chega e de seus militantes sobre questões anti-imigração, as quais, conforme observado em outra pesquisa, têm crescido e se fortalecido na esfera pública. Esse fortalecimento tem levado alguns ativistas a adotarem posturas radicais contra a presença do imigrante, especialmente não ocidentais e racializados (Zanetti, 2024). Por outro lado, esse temor



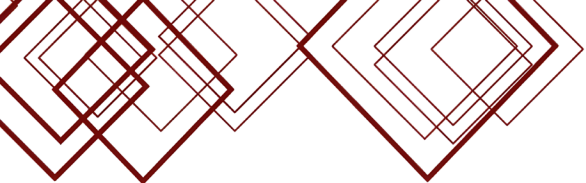
se justifica pelo aumento na frequência de casos de violência física e simbólica. De 2018 a 2023, as denúncias de violência física aumentaram 433% no país, de acordo com dados da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial (Cicdr, 2024). Exemplos reais ilustram essa escalada, como o caso de Olhão, envolvendo um jovem nepalês em fevereiro de 2023 (Cogo; Zanetti, 2024); o do casal brasileiro homossexual em maio de 2023; e o do pernambucano Saulo Jucá, em junho de 2024, entre outros. Frente a esse cenário desafiador, redes de solidariedade e resistência desempenham um papel fundamental no fortalecimento do ativismo migrante.

Referências

- 40 Alcântara, Livia Moreira de. Ciberativismo e a dimensão comunicativa dos movimentos sociais: Repertórios, organização e difusão. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 15, n. 34, p. 315-342, 2016. <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15n34p315>
- Ataç, Ilker; Rygiel, Kim; Stierl, Maurice. Introduction: The Contentious Politics of Refugee and Migrant Protest and Solidarity Movements: Remaking Citizenship from the Margins. *Citizenship Studies*, v. 20, n. 5, p. 527-544, 2016. <https://doi.org/10.1080/13621025.2016.1182681>
- Barone, Victor; Da Silva, Glaydson José. A Grande Substituição, o colonialismo projetado e os usos do passado. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, v. 41, p. 192-212, 2023. <https://doi.org/10.36661/2238-9717.2023n41.13174>
- Barros, Samuel A. R. *Consultas online e democracia digital: um estudo comparativo da participação no Brasil e nos Estados Unidos*. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contempo-



- râneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- Bloch, Alice; Chimienti, Milena. *Irregular migrants: Policy, politics, motives and everyday lives*. Londres: Routledge, 2012.
- Castells, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- Cicdr. *Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial*. Portugal, 2024. Disponível em: <https://eportugal.gov.pt/entidades/comissao-para-a-igualdade-e-contra-a-discriminacao-racial>. Acesso em: 28 de março de 2025.
- Cogo, Denise; Zanetti, Lucas. Imigrantes brasileiros e o crescimento dos discursos anti-imigração em Portugal. *Latinoamerica21*, 12 nov. 2024. Disponível em: <https://latinoamerica21.com/pt-br/imigrantes-brasileiros-e-o-crescimento-dos-discursos-anti-imigracao-em-portugal/>. Acesso em: 30 de março de 2025.
- Cohen, Stanley. *Folk devils and moral panics*. Londres: Routledge, 2011.
- Costa, Ana Paula. *Discurso de ódio e imigração em Portugal*. Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa, 2021.
- Cplp. *Promulgado acordo sobre a mobilidade entre estados membros da comunidade dos países de Língua Portuguesa*. Secretaria-Geral, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2022/agosto/promulgado-acordo-sobre-a-mobilidade-entre-os-estados-membros-da-comunidade-dos-paises-de-lingua-portuguesa-cplp>. Acesso em: 30 de março de 2025.
- Cunha, Isabel Ferin. Da ‘desdemocratização’ da Europa: democracia, media e corrupção política. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 38, n. 1, p. 37–63, 2015.
- Duarte, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Barros, Antonio; Duarte, Jorge. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São



Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

European Commission. Eurobarómetro 519. European Union, 2022. Disponível em: https://migrant-integration.ec.europa.eu/system/files/2022-06/Integration%20of%20Immigrants%20in%20the%20European%20Union_Report_EN.pdf. Acesso em: 28 de março de 2025.

França, Thaís. Transnational diffusion and far-right latent social movements: Unveiling the survival of anti-immigration mobilisation in Portugal. *Journal of Contemporary European Studies*, p. 1–14, 2024. <https://doi.org/10.1080/14782804.2024.2389452>

Gerbaudo, Paolo. *Tweets and the streets: Social media and contemporary activism*. London: Pluto Press, 2012.

Gohn, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 333–361, 2011. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>

42

Góis, Pedro; Marques, José Carlos. Retrato de um Portugal migrante: A evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. *e-cadernos CES*, n. 29, 2018. <https://doi.org/10.4000/eces.3307>

Halikiopoulou, D.; Vlandas, T. What is new and what is nationalist about Europe's new nationalism? Explaining the rise of the far right in Europe. *Nations and Nationalism*, v. 25, n. 2, p. 409–434, 2019. <https://doi.org/10.1111/nana.12515>

Han, Byung-Chul. *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

Heath, Anthony *et al.* Contested terrain: Explaining divergent patterns of public opinion towards immigration within Europe. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 46, n. 3, p. 475–488, 2020. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2019.1550145>



Hepp, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiati-
zados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”.
Matrizes, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.

Identidade e Futuro. Sorria ... Está a ser substituído! Lisboa, 22 jan.
2024. *Facebook: Identidade e Futuro*. Disponível em: [https://
web.facebook.com/identidadeefuturo/posts/sorria-est%C3%A-
1-a-ser-substitu%C3%ADdoo-cartaz-que-a-identidade-e-futu-
ro-colocou-hoje-em-/122143587914038196/?_rdc=1&_rdr#](https://web.facebook.com/identidadeefuturo/posts/sorria-est%C3%A1-a-ser-substitu%C3%ADdoo-cartaz-que-a-identidade-e-futuro-colocou-hoje-em-/122143587914038196/?_rdc=1&_rdr#).
Acesso em: 30 de março de 2025.

Kristeva, Julia. *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Gallimard, 2007.

Levi, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

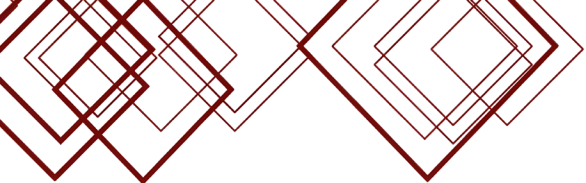
Machado, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitá-
rias: Novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociolo-
gias*, v. 18, p. 248–285, 2007. [https://doi.org/10.1590/S1517-
45222007000200012](https://doi.org/10.1590/S1517-45222007000200012)

Marques, Ana Isabel. *#vergonha.do.estado.a.que.a.política.chegou*. Pú-
blico, 25 maio 2023. Disponível em: [https://www.publico.
pt/2023/05/25/opiniaio/opiniaio/vergonhadoestadoaqueapoliti-
cachegou-2050658](https://www.publico.pt/2023/05/25/opiniaio/opiniaio/vergonhadoestadoaqueapoliti-
cachegou-2050658). Acesso em: 30 de março de 2025.

Miranda, Giuliana. *Portugal flexibiliza lei para obtenção de nacionalida-
de; mudança pode ajudar brasileiros*. Folha de S. Paulo, 2024. Dis-
ponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/
portugal-flexibiliza-lei-para-obtencao-de-nacionalidade-mudan-
ca-pode-ajudar-brasileiros.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/02/portugal-flexibiliza-lei-para-obtencao-de-nacionalidade-mudan-
ca-pode-ajudar-brasileiros.shtml). Acesso em: 30 de março de
2025.

Miskolci, Richard. *Batalhas morais: Política identitária na esfera pública
técnico-midiaticizada*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

Monforte, Pierre; Dufour, Pascale. Comparing the protests of undoc-
umented migrants beyond contexts: Collective actions as acts



of emancipation. *European Political Science Review*, v. 5, n. 1, p. 83–104, 2013. <https://doi.org/10.1017/S1755773912000045>

Morozov, Evgeny. *Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política*. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Nichols, Walter J. *The DREAMers: How the undocumented youth movement transformed the immigrant rights debate*. Stanford: Stanford University Press, 2013.

Oliveira, Catarina Reis; Peixoto, João. Why choose the inclusionary path? Social policy in a recent welfare and immigration country: the case of Portugal. In: Koning, Edward A. (Ed.). *The Exclusion of Immigrants from Welfare Programs: cross-national analysis and contemporary developments*. Toronto: University of Toronto Press, 2022. p. 195-225. <https://doi.org/10.3138/9781487544355-012>

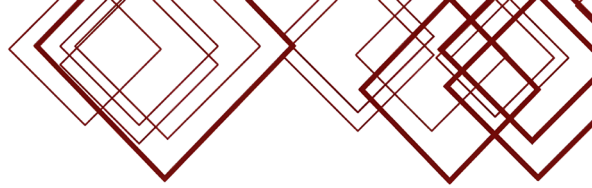
44 Però, Davide; Solomos, John. *Migrant politics and mobilisation: Exclusion, engagements, incorporation*. Londres: Routledge, 2011.

Prior, Helder. Populismo de Direita radical em Portugal: enquadramentos informativos nas Eleições Presidenciais de 2021. *Media & Jornalismo*, v. 22, n. 40, p. 161–177, 2022.

Rma. *Relatório de Migrações e Asilo*. Agência para a Integração, Migrações e Asilo, 2023. Disponível em: <https://aima.gov.pt/pt/a-aima/relatorios-de-migracoes-e-asilo>. Acesso em: 30 de março de 2025.

Santos Júnior, Marcelo Alves dos; Albuquerque, Afonso de. Perda da hegemonia da imprensa - a disputa pela visibilidade na eleição de 2018. *Lumina*, v. 13, n. 3, p. 5-28, 2019. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2019.v13.28668>

Scherer-Warren, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 1, p. 109–130, 2006. <https://doi.org/10.15138/1981-4070.2006.v21n1.109-130>



org/10.1590/S0102-69922006000100007

- Sodré, Muniz. Mídiaatização do jornalismo. In: Ferreira, Jairo *et al.* *Redes, sociedade e pólis: Recortes epistemológicos na mídiaatização*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 45-54
- Swerts, Thomas; Nichols, Walter. Undocumented Immigrant Activism and the Political: Disrupting the Order or Reproducing the Status Quo? *Antipode*, v. 53, n. 2, p. 319–330, 2021. <https://doi.org/10.1111/anti.12678>
- Todorov, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Zanetti, Lucas Arantes. *Esfera pública mídiaatizada, ativismo migrante e anti-imigração: representações sociais e disputas identitárias em Portugal*. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2024.
- Zanetti, Lucas Arantes; Silva, Thaís França da. Ativismo anti-imigração e extrema-direita na Europa: Entrevista com Kristian Berg Harpviken. *Tempo Social*, v. 35, n. 3, p. 215–226, 2023. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2023.212428>
- Zanetti, Lucas Arantes *et al.* Mediatized Public Sphere and Journalism in Times of Algorithms, Polarization and Crisis of Democracy in Brazil. *Social Sciences*, v. 12, n. 4, p. 143-151, 2023. <https://doi.org/10.11648/j.ss.20231204.1>